



ENSAIO VISUAL

49 MULHERES E O ENIGMA DE UM PINTOR CHAMADO CIRTON GENARO

JACOB KLINTOWITZ – ABCA/SÃO PAULO

O pintor Cirton Genaro é seguramente um homem paradoxal. Ele é fácil de ser imaginado com a sua seriedade fisionômica, a solidez dos seus conhecimentos estéticos, o seu amor à história da arte, à filosofia e às teorias científicas. E, no entanto, ele é capaz de nos surpreender com sua pesquisa de 20 anos sobre o mito do feminino. Talvez, simplesmente, ele esteja fascinado pelo nascimento de Vênus na nossa época. O sóbrio e severo Cirton Genaro e o mito do feminino, a Vênus que nasce do oceano.

Durante 20 anos o artista Cirton Genaro intuiu e meditou sobre o tema do feminino e também a condição da mulher. E, como tudo na sua vida, tornou concreta a sua intuição. São 49 pinturas e um desenho e 20 anos de trabalho.

Por que um desenho?

Provavelmente porque Genaro percebe o desenho como uma afirmação conceitual. Para muitos, o desenho é o símbolo da criação humana. O traço é o ser criado pelo homem.

A rotina do pintor Cirton Genaro é, provavelmente, apenas uma sinalização do que lhe importa. Dessa maneira, nas últimas décadas, ele pintou diariamente. E, entre tantos temas, ele também foi fiel à figura feminina. A percepção da presença da mulher. O nascimento de Vênus. Ou o universo que se refaz a cada gesto, a cada manifestação do feminino e, até, das figuras estáticas dos manequins, a nos dizer que são o rastro da mulher, um sinal, feito à sua imagem e ao seu mistério.

O mistério feminino será porque só a mulher cria em si um novo ser?

Isso porque Cirton Genaro fez 49 pinturas e um desenho sobre a mulher e a sua circunstância e porque entendeu que a mulher é o enigma do Universo.

Ao seu modo, com os parâmetros visuais atuais, ele reinventou a figura mítica da Deusa da Fertilidade.

A estrela derradeira.

O feminino como a essência do Universo. O supremo acolhimento, a energia que transporta o amor. E, em tudo, o cuidado extremo que Cirton Genaro sempre nos apresenta. Ele nos dá a sensação de que tem todo o tempo disponível. É o Senhor do Tempo. Melhor até, é nele que o tempo se torna essa ação lenta que chamamos de pintura.

É perceber essa harmonia do gesto e do olhar. Mesmo o manequim, manifestação minimalista da mulher, vagamente nos remete ao feminino, no que nos passa tão sem vida e, no entretanto, se revela nas mãos do pintor em um signo, uma indicação, uma memória da imagem do feminino, um reflexo no espelho.

Por aqui passou uma mulher e dela restou essa figura, um sinal, uma memória, um silêncio eterno e, sentimos, alguma coisa se perdeu.

Figura, sinal, memória, silêncio. Alguma coisa se perdeu, por aqui havia uma estrela e dela só nos restou este brilho de poeira que, dizem, eu não sei, dizem, algum

dia se tornará uma galáxia. Do reino dela, deste semblante que desapareceu e desta ausência, se formará uma única estrela, uma derradeira estrela brilhante.

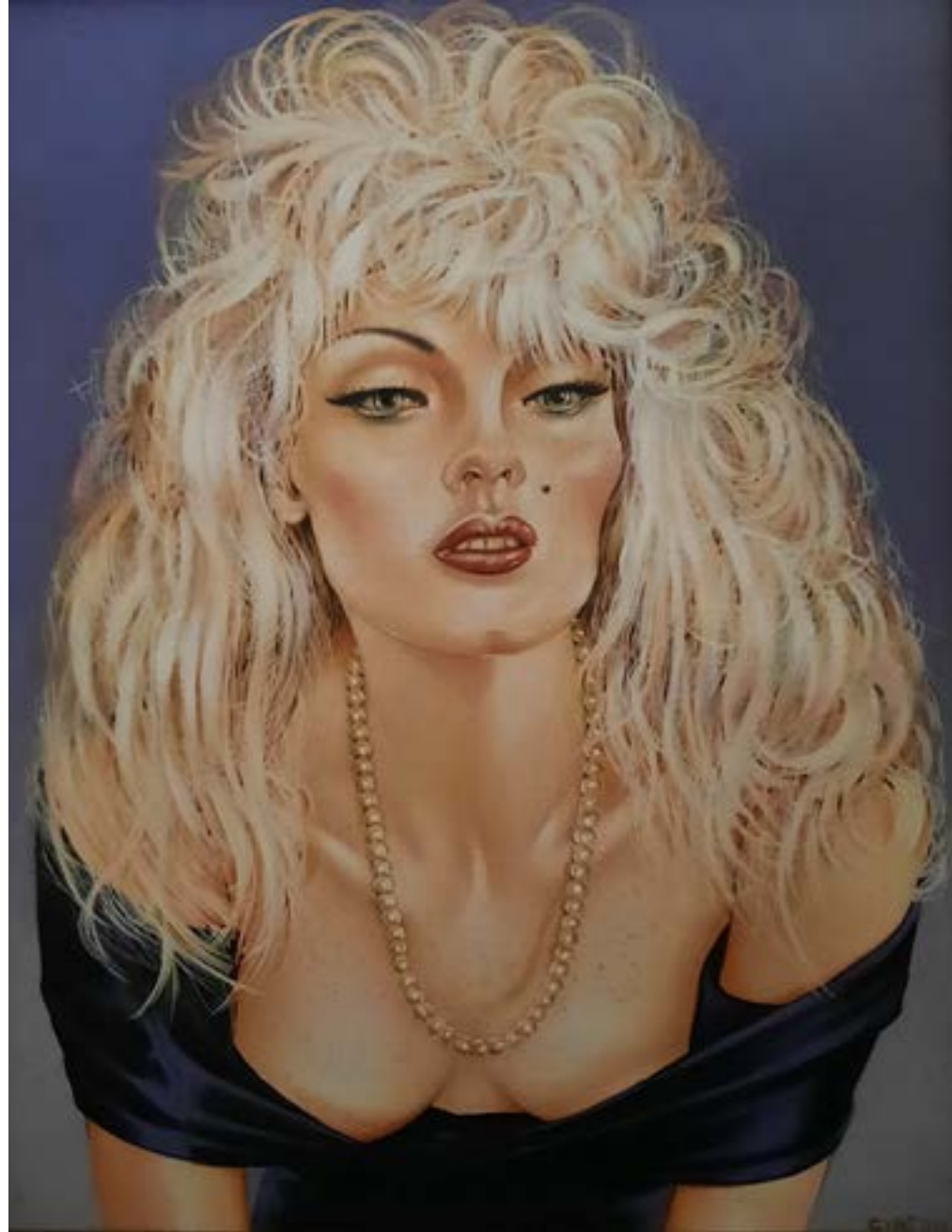
E, talvez, seja só a nossa memória, ausência que imaginamos, o brilho solitário. Quem sabe a saudade, a ausência em nós.

Ao louvar a pintura, Cirton Genaro nos evidencia a sua fidelidade à história. Em sete das pinturas ele homenageia Cézanne, Klint, Renoir, Picasso, Andy Warhol, Modigliani, Botticelli e Toulouse Lautrec.

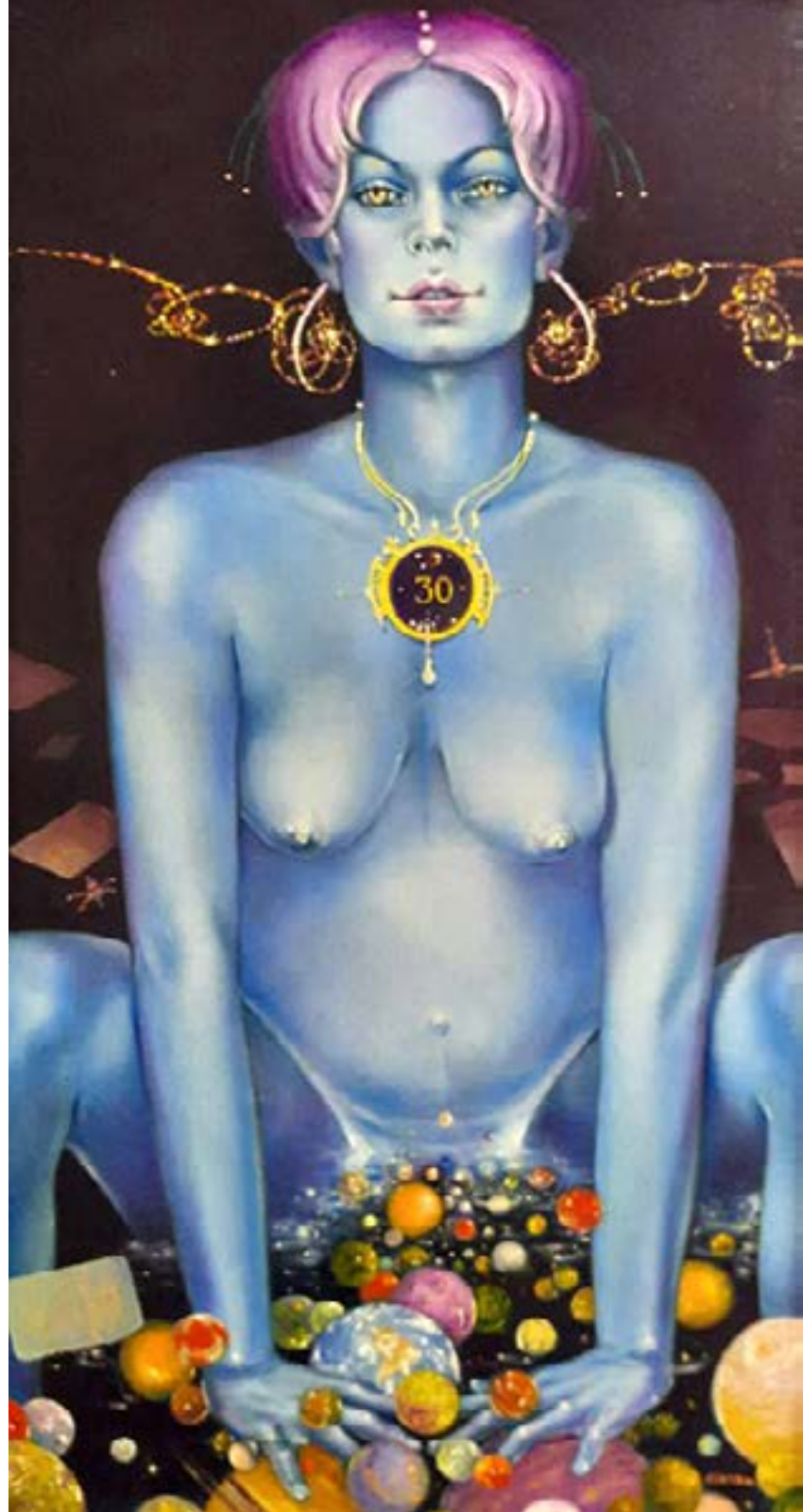
O pintor Cirton Genaro nos habituou com o seu fazer refinado e de visualidade extrema. Nele o implícito se torna explícito, também no feminino encontramos esse mistério da linguagem, temos a percepção de que se trata da pintura e, também, de uma indicação, de alguma coisa que se revela e se esconde, de que existe um enigma sob o enigma. Não será este, afinal de contas, o feminino na pintura?









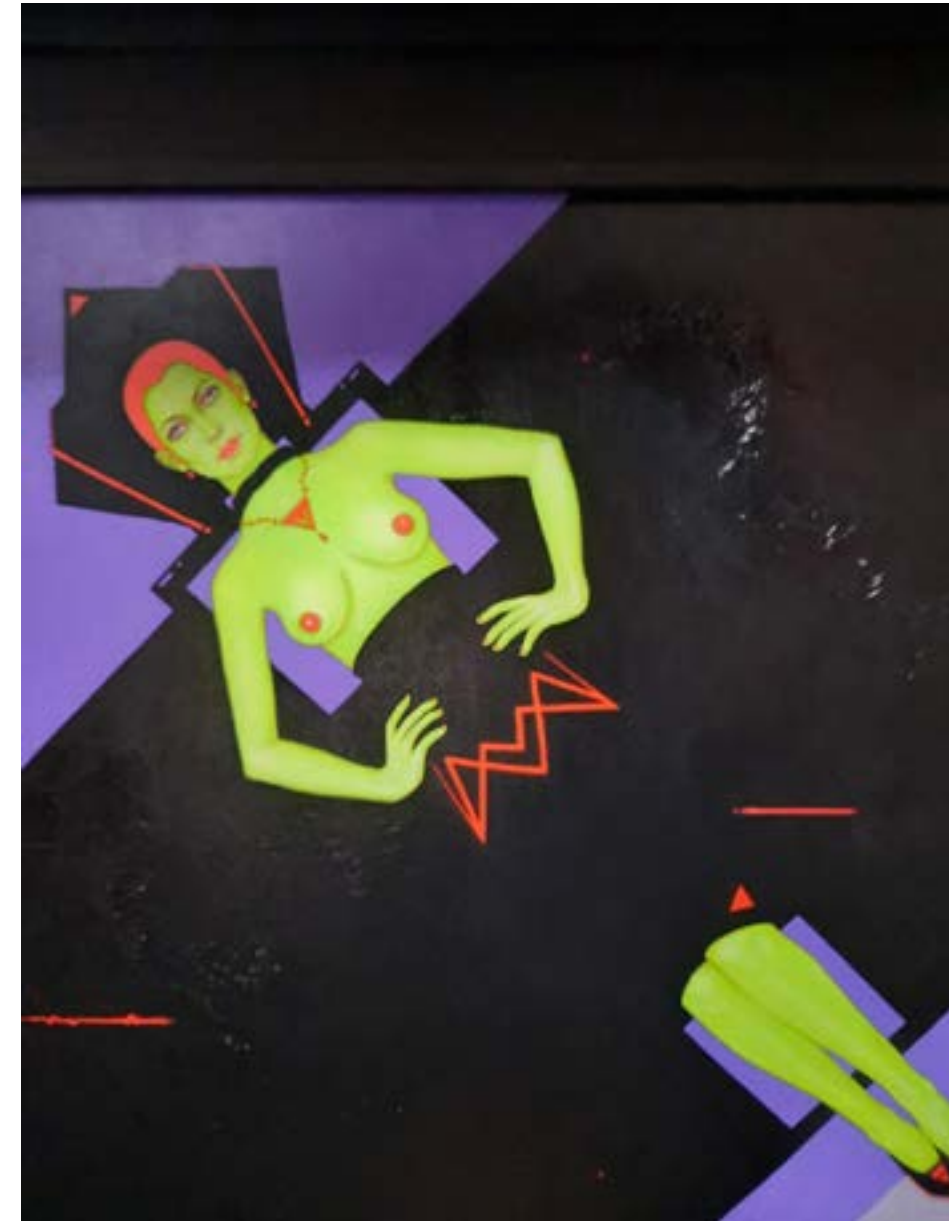


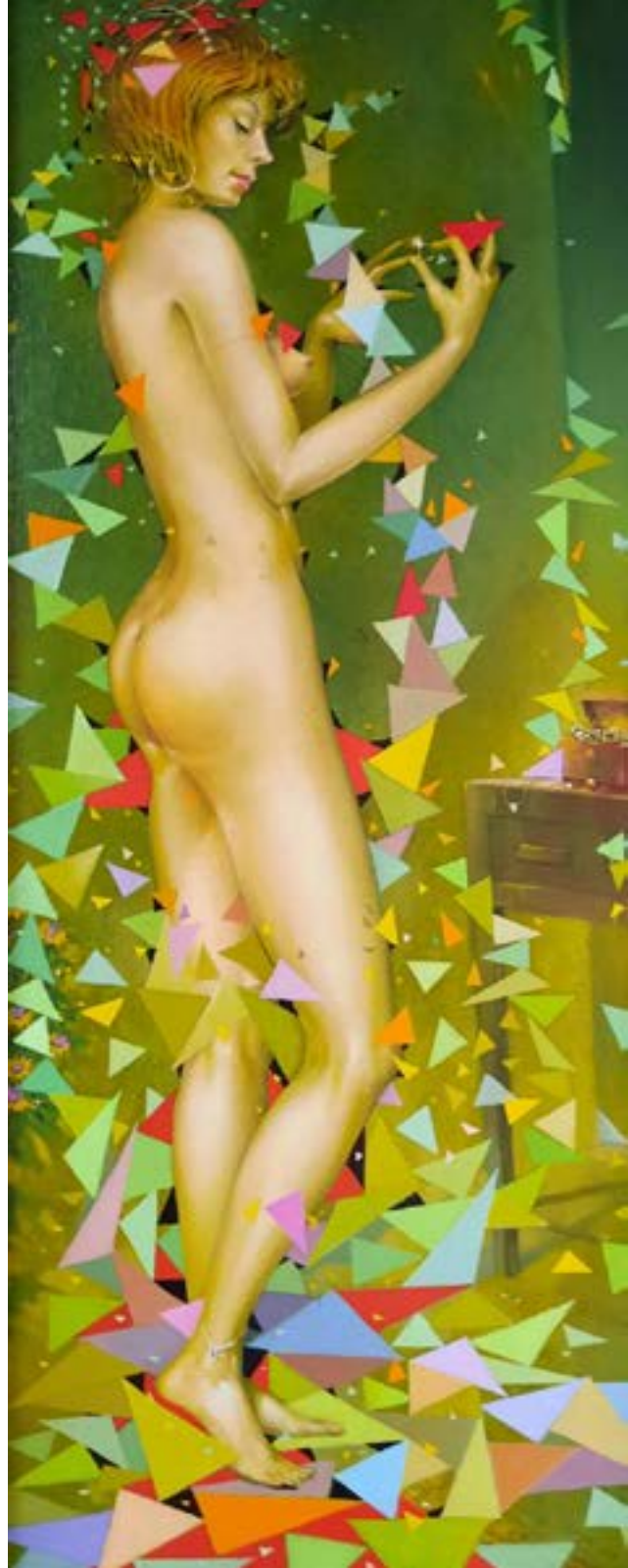


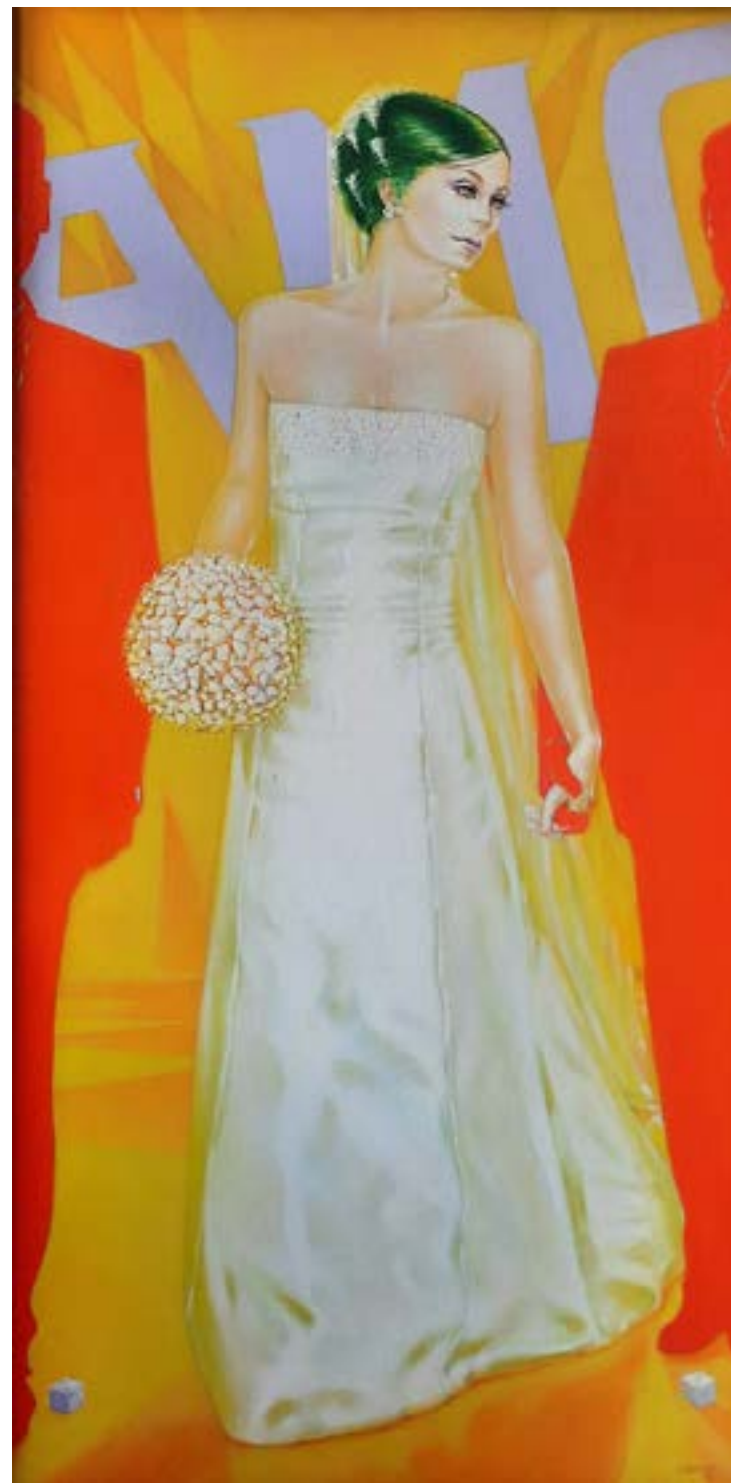












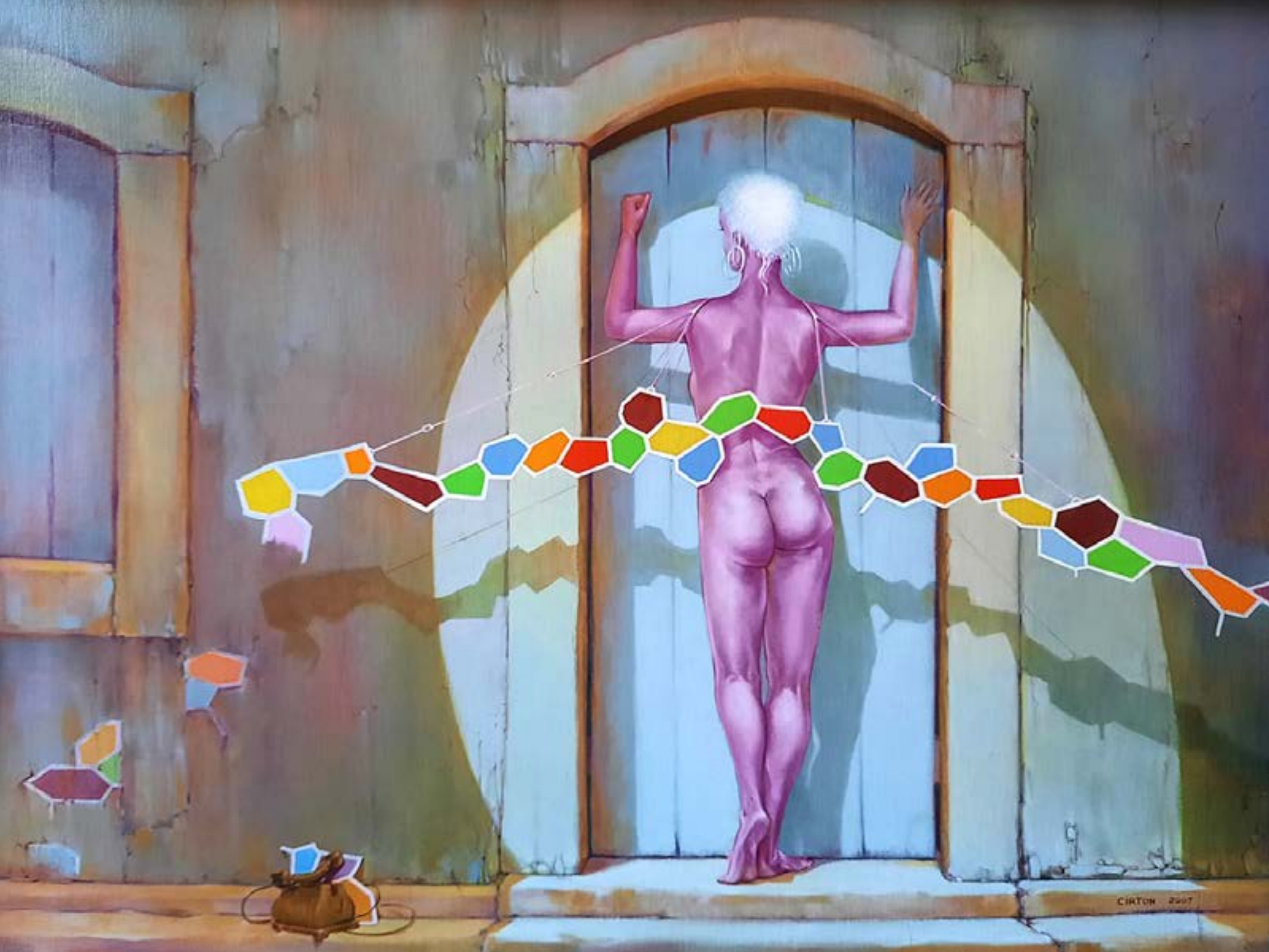














JACOB KLINTOWITZ

Escritor, crítico de arte, curador, editor de arte, conferencista e jornalista, é autor de 192 livros sobre teoria de arte, arte brasileira, monografias de artistas, ficção e livros de artista. E escreveu mais de 3.000 artigos, publicados especialmente nos jornais *Tribuna da Imprensa*, RJ, e *Jornal da Tarde*, SP. Conselheiro do Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi. Conselheiro do Museu

Judaico de São Paulo. Laureado por duas vezes com o “Prêmio Gonzaga Duque” da Associação Brasileira de Críticos de Arte, pela atuação crítica. E duas vezes foi homenageado pela ABCA por sua intensa ação cultural. Atuou como curador do Museu Brasileiro da Escultura.